

D – D': uma inversão de finalidade

Cesare Giuseppe Galvan – Centro Josué de Castro

Resumo. Segundo Sohn-Rethel a moeda formou a raiz do processo social de conhecimento, que gerou e desenvolveu a ciência de nossa civilização. Supomos aqui esse “paralelismo” (aspas!) entre moeda e ciência-tecnologia, para sublinhar um aspecto adicional: em ambos os casos o instrumento tornou-se fim em si mesmo, ao constituir-se critério da atividade humana. Já na Grécia descobriu-se a possibilidade do D – D', dinheiro que dá mais dinheiro. Aristóteles objeta: dinheiro é só “un médio de intercambio para lo que nos hace falta”. Patativa do Assaré: “Só presta pra sê cativo / Não presta pra sê senhô”. Mas um processo milenar operou a inversão: de instrumento abstrato de relações concretas, a moeda transformou-se em orientador básico de decisões. E a ciência tornou-se critério sempre mais decisivo. A volta ao **uso do instrumento só como instrumento** não ocorreu.

D – D' é um dos esquemas mais expressivos da crítica da economia política: quer mostrar – quase como uma definição substancial – de que se trata quando se fala em capital. É interessante sublinhar que o esquema, até mesmo nessa forma simplificada D – D', se encontra em *O Capital* já no primeiro Livro, no cap. 4, que dá a “fórmula geral do capital”. Nesse caso está quase substituindo e penetrando mais no sentido da análise do movimento D – M – D, ou seja D – M – D'. “Dinheiro que dá mais dinheiro” indica a finalidade, o sentido do movimento do capital.

Não se pretende retomar a seguir essa análise, que damos já como bem conhecida por aqueles que se dedicam à economia política e a sua crítica. O texto que segue pretende retomar o debate por outro viés, aquele proposto por Sohn-Rethel e adotado em *Moeda e ciência* (cf. “Leituras e estímulos”, abaixo). A finalidade é de tornar explícita e comentar uma implicação importante contida mas não esclarecida naqueles textos.

Trata-se de perceber algo que já o velho Aristóteles tinha indicado e criticado: dado que a moeda é fundamentalmente **instrumento**, ela não “deve” tornar-se fim em si mesma.

Muitas são as implicações que derivam desse princípio. Maiores ainda as conseqüências de sua inversão, como vamos ver. Mas sua análise torna-se muito complicada para o nosso monoteísmo – o do deus dinheiro. Será bom, portanto, voltarmos primeiro lá onde tudo começou.

1 – Primeiro movimento: moeda e ciência

Retomamos, antes de tudo, a tese de Sohn-Rethel sobre o relacionamento entre moeda e ciência: a criação e introdução da moeda na sociedade grega constituiu a raiz de um processo social que revolucionou o conhecimento, gerando e desenvolvendo a ciência típica de nossa civilização. Segundo essa análise, a moeda, com sua introdução e sua prática, foi a modificação social que deu origem a um **modo de pensar abstrato, uma abstração sistemática** particularmente rigorosa e controlada, que constitui base, forma e conteúdo do desenvolvimento científico que se seguiu e, portanto, fornece também o cerne dos meios de que a tecnologia dispõe. Isso ocorreu inicialmente na Grécia e depois nas outras civilizações onde a moeda penetrou, trazendo a herança da civilização grega na formação do assim chamado “Ocidente cristão”.

Esse processo determina inclusive uma característica geral da ciência que veio se formando na (e dando forma à) sociedade: aquele padrão científico que se tornou tão familiar, tanto assim que veio a constituir uma das características definidoras de nossa cultura. Conforme ilustra muito bem Crosby, esta cultura mede tudo, torna todo quantificável mesmo tendo-se formado em (e progressivamente afastado de) uma tradição que dava (antigamente ...) muito maior importância aos aspectos qualitativos que aos quantitativos. Essa passagem da *qualidade* à *quantidade* (melhor seria dizer: *quantificação*) foi responsável por promover e fazer quase explodir o processo de aprofundamento das grandes ciências, hoje tão familiares. Ao mesmo tempo e como parte do mesmo desenvolvimento, remexia nas malhas das relações sociais, cada vez mais articuladas naquele instrumento que é a moeda.

O itinerário desse desenvolvimento não foi nada linear. A própria sucessão de aperfeiçoamentos que aos poucos completaram a base fundamental do edifício da ciência (que é a aritmética) não conheceu nenhuma “evolução uniforme e linear” que fosse

passando passo a passo dos algarismos ao computador, conforme muito bem sublinha George Ifrah (II, 601). Exemplificando (melhor: acenando ao exemplo amplamente comentado pelo mesmo Autor, I, 765-780 e *passim*), podemos lembrar a conjuntura de avanços que a aritmética teve que realizar para chegar à invenção daquele “simples” zero, que hoje conhecemos pelos números “árabes”. Foi necessário articular entre si três grandes idéias, cuja conjunção é, em princípio, muito improvável:

- o princípio de posição
- a notação dinâmica das unidades de primeira ordem (ou seja, que os sinais da numeração sejam “desligados de qualquer ideografia”)
- e enfim, a descoberta fundamental: o número zero.

Milênios se passaram até que esse sistema numérico conhecesse seu próprio amadurecimento, com aqueles números que os árabes apreenderam dos indianos e introduziram na Europa na Idade Média. Introdução essencial para o desenvolvimento de uma ciência que usa a matemática como seu instrumento principal. Mas essa mesma base aritmética levou mais alguns séculos até ser completamente aceita, para não falar em seu ulterior aperfeiçoamento através dos decimais, que só começaram a ser desenvolvidos a partir de finais do século 16.¹

No entanto, já neste primeiro ponto e antes de entrar no aspecto que nos interessa salientar neste texto, cabe lembrar aquele princípio apontado acima: o desenvolvimento tão acidentado da aritmética muito tem a ver com aquele da moeda e com as revoluções que ela introduziu nas relações sociais. Para uma exposição mais ampla desse princípio e de algumas implicações básicas posso remeter aos textos contidos em Galvan (2001) e sobretudo aos vários escritos citados de Sohn-Rethel, o Autor que melhor formulou essa tese. Mas cabia aqui pelo menos acenar à articulação moeda-ciência, não sem lembrar como em certos períodos históricos o desenvolvimento da ciência se conjugou até curiosamente com aquele da moeda e de seus usos.

É assim, por exemplo, que à época da “descoberta” da América, a ciência (que muito contribuiu para realizar aquele feito) conheceu também outro desenvolvimento, na

¹ Cf. IFRAH, II, p.382; 462 e *passim*.

contabilidade. A publicação da *Summa de arithmetica, geometria, proporzioni et proporzionalità* de Luca Pacioli, em 1494, é simbólica no caminho da matemática rumo ao uso da moeda – e vice versa. Pela primeira vez, esse tratado rigoroso e sistemático de matemática expôs o método das partidas dobradas que vinha sendo elaborado artesanalmente nos ambientes em que se fazia mais uso da moeda, nas casas comerciais. Haverá então um paralelismo entre moeda e ciência?

Trata-se mais de imbricação que de um verdadeiro paralelismo, pois as paralelas são retas enquanto os movimentos dessas descobertas foram muito contorcidos, para dizer pouco. Analogamente, os avanços e recuos no uso da moeda não apresentam nenhum desenvolvimento linear.

No entanto, pode-se falar em certo “paralelismo” (com aspas!) se entendermos que os dois fenômenos se acompanham reciprocamente na história. Neste caso, talvez as aspas sejam mais importantes que seu conteúdo. Aquela própria *quantificação* da realidade, implicando uma superação de considerações meramente qualitativas, é verdade que se processou entre os séculos finais da Idade Média e os primeiros da Idade Moderna; mas suas bases estavam lançadas já na antiga Grécia, com a conceituação rigorosa da matemática ligada ao aparecimento da moeda e ao processo de abstração que ela implica. E um dos motivos de que para alcançar esse desenvolvimento se passaram aproximadamente dois milênios foi que no intervalo se produziu aquela retração que constituiu a primeira Idade Média, com um recuo profundo inclusive no uso da moeda nas relações humanas.²

2 – Segundo movimento: a inversão e seus problemas

Mais de dois milênios se passaram, portanto, a partir da introdução da moeda e dos primeiros passos daquela ciência que conhecemos hoje, até chegarmos ao tempo em que a moeda penetra de fato em tudo e a ciência expande indefinidamente a quantificação em todos os campos, utilizando-se agora de uma matemática mais completa, mais ágil e madura. Sobretudo, ela tem agora um instrumento que é mais instrumento pelo simples fato de ser melhor: os números “árabes”. A complementação dessa passagem ocorreu nos

² Os aspectos cronológicos (e não só esses) do processo de quantificação da realidade estão muito bem analisados em CROSBY. Contribuições mais detalhadas e minuciosas podem-se encontrar em IFRAH.

séculos que precederam e formaram o capitalismo. No entanto, ao acontecer essa penetração e complementação dos dois fenômenos, seu sentido se inverteu.

Aceitemos então a tese do “paralelismo” (aspas!) entre a história da moeda e da ciência e tecnologia. Descobriremos que é preciso acrescentar-lhe outro aspecto adicional: em ambos os casos (na moeda e na ciência) **o instrumento tornou-se fim** em si mesmo, pois passou a constituir-se critério fundamental orientador da atividade humana. Essa inversão de ordem fornece uma primeira parte da nossa definição: a grande inversão do movimento na sociedade ocidental.

O processo social, ao introduzir a moeda, efetuou (em fases sucessivas...) duas diferentes passagens

- uma passagem do todo às partes, do global aos aspectos específicos, da qualidade à quantidade, na medida em que o mundo objetivo passou a ser focalizado sob uma ótica específica, prescindindo dos outros pontos de vista. Isso ocorre claramente na relação monetária que concretiza um valor definido abstratamente; mas tem consequências no processo social de pensamento, que se acostuma à abstração (esse é o núcleo, a nosso ver, da tese de Sohn-Rethel)³. No fundo trata-se da passagem da moeda à ciência, à qual não deixou de corresponder um movimento inverso, da ciência à moeda, como vimos acima: teríamos, portanto, para adotar uma imagem, um círculo que se fecha: da moeda – à ciência – à moeda;

- mas a realização dessa primeira passagem foi acompanhada de outra: ambos os fenômenos – moeda e ciência – eram instrumentos, mas passaram a dominar o processo, tornaram-se sua finalidade. Ou seja, o instrumento foi sendo adotado como critério básico de escolha, passando assim a dominar o negócio: o instrumento tornou-se fim. Em outras palavras, na troca o que servia de intermediário (a moeda) passou a ser considerado como finalidade a ser alcançada: o dinheiro devia render mais dinheiro. E a ciência, analogamente, passou a se constituir como fim a ser alcançado “antes” mesmo de se julgar quais finalidades se iriam obter com ela e com as tecnologias dela derivadas. Da ciência devia jorrar mais ciência (com muitas implicações tecnológicas).

³ Esse núcleo fornece inclusive o título a um de seus escritos : *Warenform und Denkform (forma mercadoria e forma de pensamento)*, que é também o título da Primeira Parte de sua obra principal (SOHN-RETHEL, 1989)

Contrário a essa inversão da ordem (no que diz respeito à moeda) foi Aristóteles. Ele aceita a moeda só como “un médio de intercambio para lo que nos hace falta.” (Nic., V, 5), de onde extrai argumentos contra o juro. Mas se quisermos caracterizar o que se passou muitos séculos depois (mas já estava esboçado naquele tempo), poderíamos até adotar o título da clássica ópera de Pergolesi *La serva padrona* (a serva patroa): o “meio”, o instrumento passou a dominar.

A inversão “instrumento – finalidade” foi claramente praticada já entre os Gregos com a instituição do juro (o *τόκος*), condenado então por Aristóteles. Sua generalização e reconhecimento público ocorreram na passagem da Idade Média ao capitalismo, ou seja na mesma época em que a “quantificação da realidade” acima mencionada se processava, ou seja entre o fim da Idade Média e os primeiros séculos da Idade Moderna. Foi esse o período em que, no uso da moeda, se passou de uma condenação da usura (proibição sempre contestada, é verdade), à prática sempre mais sistemática da busca do lucro, inclusive nas operações puramente financeiras. E o lucro se tornou o motor da economia, como bem sabemos.

É nesse contexto que o movimento $D - D'$ passa não só a realizar-se ocasionalmente, mas se torna o padrão geral da estrutura em que opera a sociedade. Isso ocorreu primeiro nas transações comerciais e financeiras. O movimento $D - M - D'$ bem expressa (já antes da mencionada análise marxiana da produção capitalista de mercadorias) o esquema com que os filósofos da escolástica teorizavam o comércio: *emptio cum animo vendendi carius* (compra com a intenção de vender mais caro). Dessa definição do movimento comercial eles extraíam motivos para colocar entraves ou pelo menos limitações à sua prática.

Essa prática porém não deixou de se difundir, até que acabou por incorporar em seu movimento o próprio processo produtivo. Foi assim que se passou do feudalismo ao capitalismo, passagem por certo sujeita a interpretações que já deram margens a dúvidas, mas que não deixou de se realizar através da época colonial: a grande pilhagem mundial, quase a se constituir como primeiro ato da globalização, serviu de gestação para uma sociedade que viria a sistematizar a produção para o lucro. Como já na antiga Grécia, $D -$

M – D’ realizou-se primeiro na pirataria, mais adiante no comércio. Mas só com o capital descobriu-se o segredo da produção da mais valia.

Com isso o passo fundamental foi dado: as atividades humanas passaram a se guiar pela finalidade de alcançar lucro. Este é agora a própria definição das relações sociais, a partir daquilo que a fórmula D – D’ sintetiza. O instrumento veio a se constituir em finalidade. “O meio justifica o fim” poderíamos dizer invertendo a clássica fórmula maquiavélica.

É interessante notar como também a ciência – sobretudo em se corporificando na tecnologia que dela deriva – veio a se impor como critério de decisão, um feito que caracteriza o procedimento capitalista, que por sinal é o processo social que com mais sistematicidade adotou e aprofundou aquele outro critério de escolha: o dinheiro que dá mais dinheiro. O que o capitalismo veio realizando é uma conjunção que nunca antes conheceu tal desenvolvimento: trata-se de uma articulação profundamente imbricada entre dois instrumentos: a moeda e a ciência, ambos agora constituídos critérios que orientam as escolhas praticadas.

Existe um aspecto científico contido na realização da inversão de sentido, quando a moeda deixa de ser instrumento para se tornar fim: a ciência, instrumento de saber primeiro e depois de poder (tecnologia) se torna quase que algo auto-justificador. Pela ciência, pode-se alcançar mais ciência. E tem sempre como consequência um conjunto de novas práticas tecnológicas. Ao adotar essas práticas, o capital capacita-se a realizar mais sistemicamente aquela outra sua finalidade que o define: D – D’.

No caso da ciência, passou-se de um procedimento que a tratava como instrumento das realizações humanas (ou de meio para o homem se situar na natureza) passou-se para um comportamento pelo qual, ao surgir qualquer problema no uso tecnológico da ciência, recorre-se de novo à própria ciência e a seus critérios. Esse recurso já não se limita mais a adotar os procedimentos da ciência como instrumentos (que sempre foram e continuam a ser). Agora a ciência se adota até como base fundamental nos juízos a serem emitidos e portanto torna-se definidora dos rumos que guiarão as decisões.

Um sinal explícito dessa inversão no raciocínio e portanto nas consequências das decisões é a passagem da qualidade à quantidade, que Crosby denomina de “quantificação

da realidade”, um processo que revolucionou a maneira de fazer ciências sobretudo a partir da transição operada entre os séculos 13 e 17. Essa quantificação dotou a ciência de seus instrumentos mais poderosos, ao passo que se afirmou, em si e como tal, como finalidade a ser alcançada. Já não será mais possível se ter ciência sem uma quantificação rigorosamente definida e instrumentada. Mas a própria quantificação é assumida como finalidade a ser alcançada. Tornou-se sinônimo de rigor. Quantificação mais aperfeiçoada significa ciência mais bem instrumentada. E ciência gera mais ciência.

3 – Terceiro: o retorno que não ocorreu

As transformações ocorridas penetraram portanto tão profundamente no comportamento e no próprio tecido das inter-relações humanas, que passaram a constituir as definições que identificam o modelo de sociedade em que vivemos. Modelo, acrescenta-se, que pela primeira vez na história tende a se tornar universal, penetrando no inteiro planeta. Será essa a natureza da globalização?

A sociedade passou a buscar suas alternativas na razão instrumental, tornou-a seu critério básico. Baste lembrar que instrumentos analíticos como a análise de “custo-benefício”, ou análogos à mesma, se generalizaram e se aplicam nos campos mais disparatados. Naturalmente, penetraram também nos procedimentos da pesquisa e inovação científica e tecnológica, coisa aliás bastante natural uma vez que passaram a constituir um padrão cada bem mais popular de raciocínio. Trata-se daquele “racionalismo triunfante, baseado no cálculo” de que fala Max Weber.⁴

Pode-se aduzir, talvez quase como exemplo contrário, que esses procedimentos obedecem freqüentemente a escolhas feitas de antemão com base em outros critérios que não aqueles que se determinam na comparação quantitativa entre custos e benefícios. Tal é o caso de muitas escolhas políticas, com o exemplo extremo na condução da guerra. No entanto, se bem analisadas, mesmo essas “escolhas previamente decididas” são tais exatamente porque respondem – mais ainda do que a análise formalmente batizada de custo-benefício – a critérios que definem quantitativamente vantagens comparadas com custos. Essas vantagens bem podem ser políticas, de poder, mas mesmo tais variáveis estão

⁴ *Historia económica general*. México, Fondo de Cultura Económica, 1987, p.16.

hoje sujeitas a apreciações de tipo quantitativo, podendo inclusive ser representadas em forma monetária.

Até mesmo quando se adotam critérios “morais”, tais como o fazer o bem e evitar o mal, é cada vez mais freqüente o caso que eles se definam (subrepticamente, mas nem tanto) a partir de uma quantificação implícita que serviu de base para o cálculo que precedeu e orientou a escolha.

Perante essa situação, Patativa do Assaré retomou o princípio aristotélico ensinando:

Dinhêro transforma tudo,
Dinhêro é quem leva e traz,
Eu nem quero nem dizê
Tudo o que o dinhêro faz.
Apenas aqui eu conto
Que ele pra tudo tá pronto,
Ele é cabrêro e treidô,
É carrasco e é vingativo,
Só presta pra sê cativo
Não presta pra sê senhô.⁵

Expressa assim a necessidade de um **retorno ao uso do instrumento como instrumento**, pois só nessa condição o dinheiro “presta”. Não é porém isso o que está acontecendo no mundo da moeda.

O que precede vem a coincidir com aquilo que acontece no caso da ciência.

A ciência é sempre mais critério decisivo. Sinais de uma necessidade de algo diferente vêm ocorrendo recentemente em vários campos. Por exemplo, no caso dos

⁵ “A escrava do dinheiro”, in: *Cante lá que eu canto cá*. 12.ed. Petrópolis, Vozes, 2001, p.48. Grifos nossos.

transgênicos, na clonagem, nos usos bélicos das descobertas científicas,⁶ bem como, em geral, nas implicações ecológicas (ou antiecológicas) das tecnologias que a ciência moderna vem gerando. Naturalmente esse debate é tão amplo que aqui não se pode sequer senão acenar a sua existência. Mas um aspecto precisa ser mencionado aqui: perante tais problemáticas cabe sempre perguntar: onde está ou pode-se encontrar o critério orientador das pesquisas científicas e de suas aplicações?

Vemos então quanto é freqüente que a própria ciência seja assumida – com suas “provas matemáticas” – como o campo onde se procuram os critérios para solucionar suas próprias questões, as saídas de seus problemas. Talvez seja oportuno, ainda mais perante os novos questionamentos, lembrar a preocupação de Hegel:⁷

Triste sería nuestro saber si debiésemos renunciar a un conocimiento exacto de objetos tales como la libertad, la moralidad y aun de Dios, por la razón de que no se les puede medir y calcular o expresarles por una fórmula matemática, o si debiésemos contentarnos con una representación indeterminada de estos objetos y dejar al arbitrio de cada cual entender como quisiera su naturaleza especial y determinada. Se ve a primera vista las lamentables consecuencias de tal doctrina em la práctica.

Note-se nessas palavras como o filósofo não restringe a característica de “conhecimento exato” aos objetos mensuráveis matematicamente. No sentido contrário a esse é que se movem os programas de ciências “exatas”. E as próprias ciências denominadas de “humanas” desenvolvem esforços consideráveis para ... se reduzir a esses mesmos parâmetros.

⁶ A propósito de invenções científicas de uso bélico, foi esse o momento em que *A ciência perdeu sua inocência*, de acordo com o título expressivo de um livro do historiador alemão Armin Hermann em que fala, entre outros, da bomba atômica.

⁷ *Lógica*. Madrid, Aguilera, 1973. Trata-se da “Pequena lógica”, quase resumo da *Wissenschaft der Logik*.

Volta aqui aquele “paralelismo” com o desenvolvimento da moeda. A qual poderia indicar o caminho para o retorno ao uso do instrumento como instrumento. Mas não há (ainda) uma tal volta ao uso do instrumento como instrumento.

Mais ainda no caso da moeda, originalmente (?)⁸ instrumento abstrato de relações concretas, que se transformou em finalidade orientando decisões.

4 – Tese e antítese ... sem síntese

Resumindo, as conexões moeda-ciência se mantiveram, mas seu direcionamento (sua finalidade) se inverteu: de meios tornaram-se fins. Ocorre a este ponto a hipótese: a ocorrência de uma inversão dessa inversão. “Hegelianamente” talvez, poderíamos então falar numa sucessão:

tese – moeda, ciência, sua articulação;

antítese – a inversão, em ambos os campos, pela qual os instrumentos passam a constituir-se em finalidade;

síntese – inversão da inversão (negação da negação), os instrumentos voltando a ser “só” instrumentos, embora em novo contexto;

esse seria o caminho, quase um rumo a uma síntese histórica hegeliana, solucionando as contradições de ambos os processos. Define-se o itinerário “da moeda à ciência”, ambas como instrumentos; no processo, elas tornam-se finalidade. Trata-se, assim, de um círculo duplo, no qual, em ambos os casos, os instrumentos se tornam finalidade.

A recuperação da moeda e da ciência como instrumentos de interrelação (ou seja de vida) humana fecharia o processo.

Mas quem põe o guizo no gato?

⁸ Alguém poderá estranhar essa interrogação. Trata-se do fato de que omitimos aqui por completo o problema da história da origem da moeda, a qual bem pode ter sido tão pouco instrumental, apesar de introduzir exatamente aquilo que seria o instrumento por excelência. Ver, por exemplo, Kuklinski, *Triebstruktur des Geldes*. Berlin, Wagenbach, 1974.

Leituras e estímulos

ARISTÓTELES. *Obras*. 2 ed. Madrid, Aguilar, 1967. Ver: *Ética nicomaquea*, L.4, cap.1; L.5, cap.5; L.9, cap.1; e *Política*, L.1, cap.3-5.

CROSBY, Alfred B. (1999) *A mensuração da realidade. A quantificação e a sociedade ocidental – 1250-1600*. São Paulo, EDUNESP.

GALVAN, C. (2001). *Moeda e Ciência. Ensaio sobre a teoria de Sohn-Rethel*. Centro Josué de Castro, Recife.

IFRAH, Georges (1994). *Histoire universelle des chiffres. L'intelligence des homes racontée par les nombres et le calcul*. 4. réimpr. Paris, Laffont. 2vol. (x,1042p.; vi,1010p.).

JASPERS, Karl, 1883-1969 (1983). *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*. 8 ed. München, Piper. 349p.

LE GAUFEY, Guy (1991). *L'incomplétude du symbolique. De René Descartes à Jacques Lacan*. Paris, E.P.E.L. 244p.

PRIGOGINE, Ilya (1996). *El fin de las certidumbres*. Barcelona, Andrés Bello. 222p.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle (1991). *A nova aliança. Metamorfose da ciência*. Trad. M. Faria e M. J. M. Trinciera. Revisão J. P. Mendes. Brasília, EDUNB. 247p.

Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência. São Paulo, SBHC, 1985 -

SOHN-RETHEL, Alfred, 1899-1989 (1981). *Soziologische Theorie der Erkenntnis*. Mit einem Vorwort von Jochem Hörisch. Frankfurt/M, Suhrkamp. 269p.

SOHN-RETHEL, Alfred, 1899-1989 (1989). *Geistige und körperliche Arbeit. Zur Epistemologie der abendländischen Geschichte*. Revidierte und ergänzte Neuauflage. Weinheim, VHC, Acta Humaniora. xi,226 p. (da mesma obra foi consultada também a segunda edição, Frankfurt/M, Suhrkamp, 1972). A HUCITEC dispõe de tradução devidamente autorizada, que paradoxalmente fica ainda na gaveta da editora.

SOHN-RETHEL, Alfred, 1899-1989 (1990). *Das Geld, die bare Münze des Apriori*. Berlin, Wagenbach. 80p.